

Ao nosso redor, podemos dizer que existe um caos externo, um caos social, um caos político: pensemos nas guerras, pensemos em tantos meninos e meninas que não têm o que comer, em tantas injustiças sociais, este é o caos externo. Mas há também um caos interior: o caos interior de cada um de nós. Não se pode curar o primeiro, se não se começar a curar o segundo!

Papa Francisco, Audiência geral, 29 de maio de 2024



Boletim de Espiritualidade

1 JULHO 2024
Ano XI Nº 121

121



Agenda julho 2024

- 1 **online** – Formação sobre o Escapulário [🔗](#)
- 1 **Fátima** (Santuário) – Recolecção – *P. Fábio Bernardino* [🔗](#)
- 1 a 7 **Ávila** (CITeS) – Coaching cognitivo [🔗](#)
- 1 a 17 **Ávila** (CITeS) – Acompanhamento espiritual mistagógico [🔗](#)
- 4 a 7 **Braga** (Casa da Torre) – Exercícios Espirituais [🔗](#)
- 5 a 7 **Tabuaço** (Casa Daniel) – Retiro com a poesia de Daniel Faria – *Rui Santiago cssr* [🔗](#)
- 5 a 7 **Braga** (Casa da Torre) – Logoterapia e análise existencial – módulo II [🔗](#)
- 5 a 13 **Torres Novas** (Casa Cluny) – Retiro: exercícios espirituais [🔗](#)
- 6 **Braga** (Casa da Torre) – “Espelho meu, alguém se sente como eu” [🔗](#)
- 8 a 16 **Braga** (Centro de Espiritualidade Jean Gailhac) – Exercícios Espirituais de 8 dias – Nelson Faria, sj [🔗](#)
- 8 a 23 **Ávila** (CITeS) – Acompanhamento espiritual mistagógico [🔗](#)
- 8 a 25 **Braga** (Casa da Torre) – Mochilão católico – coragem para viver uma aventura interior [🔗](#)
- 10 a 14 **Viana do Castelo** – CampuStella Maris [🔗](#)
- 12 a 19 **Braga** (Casa da Torre) – Exercícios Espirituais [🔗](#)
- 14 a 20 **Fátima** (Claretianos) – Retiro para religiosos – D. Manuel António dos Santos, CMF – “Peregrinos com Maria” [🔗](#)
- 15 **Online** – *De véspera com N. Senhora do Carmo* [🔗](#)
- 15 a 19 **Braga** (Casa da Torre) – “Parar, caminhar e escutar(-se)” [🔗](#)
- 17 a 24 **Braga** (Casa da Torre) – Exercícios Espirituais [🔗](#)
- 18 a 21 **Braga** (Casa da Torre) – Exercícios Espirituais [🔗](#)
- 19 a 27 **Braga** (Casa da Torre) – Exercícios Espirituais [🔗](#)
- 19 a 27 **Torres Novas** (Casa Cluny) – Retiro: exercícios espirituais – Mário Garcia, sj [🔗](#)
- 20 **Braga** (Carmo) – *Encontros junto à fonte* (reflexão, diálogo e oração) [🔗](#)
- 21 a 26 **Fátima** (Capuchinhos) – Retiro Bíblico sobre a aliança – Frei Herculano Alves, OFMCap [🔗](#)
- 22 a 27 **Braga** (Casa da Torre) – Exercícios Espirituais [🔗](#)
- 22 a 25 **Fátima** (Santuário) – 48.º Encontro Nacional de Pastoral Litúrgica [🔗](#)
- 25 a 28 **Braga** (Casa da Torre) – Exercícios Espirituais [🔗](#)
- 25 a 28 **Ávila** (CITeS) – 3.º Encontro mundial mística Teresiana e diálogo inter-religioso [🔗](#)
- 28 **Avessadas** – Domingo das bênçãos [🔗](#)

28a3ago **Fátima** (Claretianos) – Retiro – José Augusto Duarte Leitão, SVD – “Entrem como pedras vivas, na construção de um templo espiritual” [🔗](#)

Agenda agosto 2024

- 5 **Fátima** (Santuário) – Recolecção – *P. Rui Acácio Ribeiro* [🔗](#)
- 5 a 13 **Braga** (Casa da Torre) – Exercícios Espirituais [🔗](#)
- 6 a 14 **Braga** (Casa da Torre) – Exercícios Espirituais [🔗](#)
- 8 a 11 **Braga** (Casa da Torre) – Exercícios Espirituais [🔗](#)
- 8 **Online** – *De véspera com Santa Edith Stein* [🔗](#)
- 8 a 16 **Braga** (Casa da Torre) – Exercícios Espirituais [🔗](#)
- 18 a 24 **Fátima** (Claretianos) – Retiro – P. Manuel Barbosa, SCJ – “Consagrados numa Igreja Sinodal em Missão” [🔗](#)
- 14 a 18 **Braga** (Casa da Torre) – Exercícios Espirituais [🔗](#)
- 16 a 24 **Braga** (Casa da Torre) – Exercícios Espirituais [🔗](#)
- 19 a 27 **Braga** (Casa da Torre) – Exercícios Espirituais [🔗](#)
- 22 a 25 **Braga** (Casa da Torre) – Exercícios Espirituais [🔗](#)
- 25 **Avessadas** – Domingo das bênçãos [🔗](#)
- 26 a 30 **Fátima** (Domus Carmeli e Carmelo de S. José) – Retiro para Sacerdotes [🔗](#)
- 25 a 29 **Fátima** (Capuchinhos) – 46.ª Semana Bíblica Nacional: *O Evangelho da Esperança* [🔗](#)



Assentar a liberdade no seguro

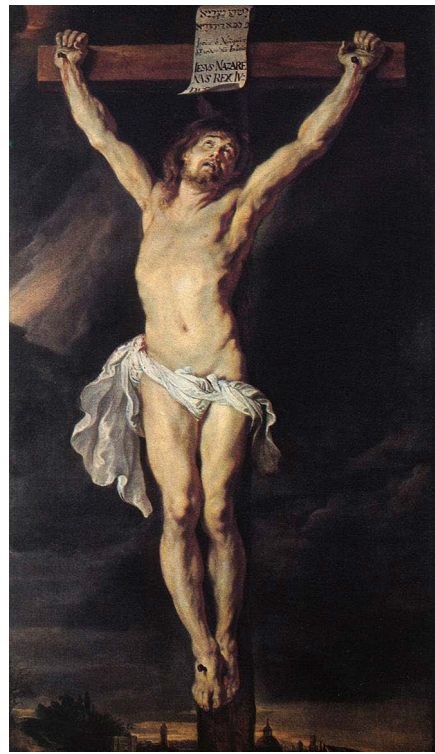
Armindo Vaz, OCD

Em linha com a reflexão que aqui fazíamos no mês passado sobre a liberdade como valor determinante da natureza humana, continuamos hoje a pensar nos seus fundamentos antropológicos e espirituais.

A ideia de liberdade é fugidia e variável, segundo as diferentes épocas e culturas que a pensam e a vivem. Está condicionada pelo contexto social, pela história humana, pela experiência e pela psicologia das massas: é dinâmica, está ligada à vontade. Sempre em construção e em realização, expõe-se a mal-entendidos, ameaçada sob diversos aspectos por interesses, limitações e ambições humanas. O ser humano precisa de mimar e constantemente defender a liberdade, como constantemente está chamado a escolher-se a si próprio e a tornar-se na pessoa que é.

Mas essa tarefa não se realiza unicamente por meio de estruturas e organizações, manifestações de rua e leis. A liberdade total consolida-se e ficará mais garantida, porventura mais com o sofrimento do que com a luta conflituosa, quando for complementada e enriquecida com uma liberdade assente no espírito humano, acima de tudo quando fecundada pelo projecto libertador oferecido e vivido por Jesus. De facto, então acontecerá a “gloriosa liberdade dos filhos de Deus” (Rm 8,21), realizada por Jesus em comunhão com o Pai e com o seu Espírito de Ressuscitado. Realiza-se a garantia do teólogo da liberdade Espiritual que foi S. Paulo: “A lei do Espírito que dá vida em Cristo Jesus libertou-te da lei do pecado e da morte” (Rm 8,2), do pecado que constitui a morte da verdadeira liberdade. “A lei do Espírito” é o regime de vida sob a influência do Espírito, do Espírito que é Amor, que em definitivo orienta a acção dos filhos de Deus a exercerem a liberdade plena fazendo o bem. Isto significa que, do ponto de vista da espiritualidade bíblica, a liberdade não é conquista do ser humano mas dom de Deus por meio de Jesus, no Espírito de ambos: “Onde está o Espírito do Senhor aí está a liberdade” (2Cor 3,17). Sem perder interesse pela sua dimensão psicológica e sociológica, funda-se e centra-se na sua íntima ligação a Jesus libertador. É liberdade “em Cristo”, concedida pela fé nele (Gl 5,1.6).

Certamente, pelas limitações do ser humano na resposta à liberdade enquanto dom de Jesus, o cristão vive-a na tensão (positiva) entre o ser livre que é (por graça) e a liberdade total para a qual tende “pelo amor”. Mas a sua fé influencia positivamente o exercício da liberdade. A inspiração para agir sempre bem, amando com coração livre e em conformidade com a vontade de Deus, advém da lei interior, lei nova, que é “a lei do Espírito” e coincide com a consciência bem formada, no interior da comunidade eclesial, pela leitura das Escrituras, inspiradas pelo Espírito que ainda hoje ‘fala’ nelas. Com esta *liberdade* entrava em confronto o regime da *Lei* judaica do tempo de Jesus, lei antiga que defendia que o crente conquistava a salvação pelo mérito das suas boas obras. Mas o cristão não se rege pela disjuntiva “lei *ou* liberdade”. Cumpre leis *em* liberdade Espiritual, que inclui a liberdade *de* (evitar concretizar más



Peter Paul Rubens, *O Cristo Crucificado* (1610-11)
Museu Real de Belas Artes, Antuérpia

tendências e males) e a liberdade *para* (amar Deus no serviço às pessoas).

Portanto, a liberdade Espiritual, que – como víamos – tem uma irrecusável dimensão interior, tende a projectar-se para o exterior: o cristão libertado por Deus em Jesus torna-se ele próprio libertador, numa extensão da mensagem de Jesus, seu senhor, amigo e irmão. As duas dimensões da liberdade enquanto dom de Jesus e enquanto missão humana são indispensáveis e complementares, não se podendo ceder à tentação de contentar-se com uma delas, como se fossem compatíveis um corpo acorrentado e uma alma livre. Por ser liberdade enraizada no amor a Deus e ao ser humano, é decisiva a ligação da liberdade Espiritual ao compromisso social, gerando uma liberdade integral, uma das condições essenciais do pensamento humano, tão indispensável como o ar que respiramos, também no sentido de que integra a abertura a novos caminhos.

Na verdade, se nos concentrarmos na dimensão interior da liberdade cristã que é a oração, dela brota um dinamismo que dá ao orante a capacidade de intuir as implicações humanas e sociais da acção de Deus no mundo. Na oração dos humanos, Deus faz sentir as suas exigências de libertação dos humanos. A oração autêntica fomenta a responsabilidade na verdade, a escuta nas propostas, a franqueza na lealdade, a coragem de inovar e mudar. Porque a liberdade humana está sempre em perigo, Paulo recomenda: “Permaneçei, pois, firmes e não vos sujeiteis de novo ao jugo da escravidão” (Gl 5,1).

A forma mais eficaz de permanecer livre é tornar-se sempre mais livre, com escolhas livres: a melhor forma de guardar o grande dom da liberdade é dá-la, respeitando a liberdade dos outros. Sabe bem o valor dela quem por ela deu a vida, como fizeram Sócrates, o grego, e Jesus, o Nazareno.

«Escuta, Israel!»

Seleção de textos bíblicos por Armindo Vaz, OCD



François-Léon Benouville, *Ester* (1844) – Museu das Belas-Artes, Pau

Do livro de Ester

Reviravolta no conflito, triunfo dos judeus

6 ¹Naquela noite, como o sono se lhe escapava, o rei mandou trazer o livro das memórias ou crónicas para que fossem lidas na presença do rei. ²Foi encontrada escrita a denúncia que Mardoqueu fez de... dois eunucos do rei, sobre os guardas da entrada, que tentaram estender a mão contra o rei Assuero. ³O rei perguntou: «Que honra e que distinção foram concedidas a Mardoqueu por causa disto?» Os jovens que estavam ao serviço do rei responderam: «Nada lhe foi concedido». ⁴O rei perguntou: «Quem está no átrio?» Ora Haman tinha vindo ao átrio exterior do palácio real, para pedir ao rei que suspendesse Mardoqueu no madeiro que tinha erguido para ele. ⁵Os jovens que estavam ao serviço do rei responderam-lhe: «É Haman que está de pé no átrio». O rei disse: «Que ele entre!»

⁶Haman entrou e o rei perguntou-lhe: «Que se pode fazer ao homem que o rei deseja homenagear?» Haman disse no seu coração: «A quem deseja o rei homenagear, senão a mim?» ⁷Então, Haman disse ao rei: «Ao homem que o rei deseja homenagear ⁸devem ser apresentados o traje real que o rei usa e o cavalo que o rei monta, sendo-lhe colocada na cabeça a coroa real... ⁹Um dos príncipes do rei... fá-lo-á desfilar a cavalo pela praça da cidade, gritando à sua passagem: "É assim que é tratado o homem que o rei deseja homenagear"».

¹⁰O rei respondeu a Haman: «Vai! Pega no traje e no cavalo conforme disseste e faz assim com Mardoqueu, o judeu, que está sentado no pórtico real. Não deixes de cumprir nada do que disseste». ¹¹Então, Haman tomou o traje e o cavalo e vestiu Mardoqueu e fê-lo desfilar na praça da cidade, gritando à sua frente: «É assim que é tratado o homem que o rei deseja homenagear».

¹²Depois, Mardoqueu voltou ao pórtico real e Haman correu para a sua casa enlutado e de cabeça coberta. ¹³Haman contou a Zeres, sua mulher, e a todos os seus amigos tudo o que lhe acontecera. Responderam-lhe os seus sábios e a sua mulher: «Se Mardoqueu é da descendência dos judeus e tu já começaste a cair diante dele, não prevalecerás sobre ele e, certamente, sucumbirás diante dele». ¹⁴Ainda estavam a falar com ele, quando chegaram os eunucos que se apressaram a levar Haman para o banquete que Ester preparara.

7 ¹O rei entrou junto com Haman para tomar parte no banquete da rainha Ester [que disse:] ³«Se alcancei graça aos teus olhos, ó rei..., o meu pedido é que me seja assegurada a vida a mim e o meu desejo é também para o meu povo. ⁴Pois eu e o meu povo fomos vendidos para sermos exterminados, assassinados e destruídos. Se ao menos tivéssemos sido vendidos como escravos e escravas, eu teria ficado em silêncio!» ⁵O rei Assuero disse à rainha Ester: «Quem é e onde está aquele cujo coração projectou fazer isso?» ⁶Ester respondeu: «O inimigo é este perverso, Haman!» Então Haman ficou em pânico diante do rei e da rainha.

⁷O rei, na sua cólera, levantou-se do banquete do vinho e foi para o jardim do palácio real... ⁸A uma palavra que saiu da boca do rei, cobriram o rosto de Haman... ⁹Um dos eunucos ao serviço do rei disse: «O madeiro que Haman ergueu para Mardoqueu, aquele que falou em defesa do rei, está levantado na casa de Haman e tem cinquenta côvados de altura». O rei disse: «Suspendei-o nele!» ¹⁰Então suspenderam Haman no madeiro que ele tinha preparado para Mardoqueu. E assim se abrandou a cólera do rei.

[Continuará]

Espelho meu, alguém se sente como eu

Braga, 6 de julho de 2024



A adolescência é uma fase incrível, desafiante e transformadora. Há uma porta que se abre para o mundo da autonomia, da liberdade e da expressão. Há um salto gigante de mudança. “Espelho, espelho meu, alguém se sente como eu” é o tema deste encontro, organizado pelos Jesuítas, que convida cada participante a trilhar um caminho de descoberta interior em busca das suas próprias respostas, através de dinâmicas interativas, profundas e divertidas que assentam nos 4 pilares NEAR (Natureza, Espiritualidade, Ação, Resiliência). A atividade é direcionada para adolescentes dos 13 aos 16 anos. [🔗](#)

O Carmo Jovem na Madeira

Funchal, Carmelitas desafiam jovens



Os Carmelitas Descalços do Funchal convidam os jovens dos 16 aos 30 anos a conectarem-se com os carmelitas para juntos aprenderem a crescer na relação com Deus. O objetivo deste grupo é que cada jovem possa viver a sua fé ajudado pela espiritualidade carmelita, onde se valoriza a oração, a interioridade, relações de amizade, o cultivo das virtudes, o discernimento vocacional e se aprende a amar Maria, Mãe e Senhora do Carmelo. A comunidade de frades estará a acompanhar todo o caminho destes jovens e também integrará a equipa orientadora um casal de leigos carmelitas que vão ajudar neste projeto. O objetivo é levar cada jovem a conhecer mais e melhor Jesus Cristo e Maria Sua Mãe. [🔗](#)

Curso: Lúcia de Jesus

Fátima, 3 a 5 de julho 2024



A edição de 2024 dos Cursos de Verão do Santuário de Fátima, pretende aprofundar a biografia e o contexto histórico em que viveu a vidente de Fátima, merecendo especial atenção as instituições religiosas a que pertenceu, assim como o seu trajeto biográfico no período em que esteve ligada às mesmas. A organização do curso pretende ainda analisar a prolifera produção escrita desta importante protagonista de Fátima, com recurso a abordagens multidisciplinares, dando particular relevo à espiritualidade de Lúcia de Jesus e à forma como a sua figura, em diferentes contextos ideológicos que interessa perceber, foi e é alvo de clara instrumentalização. Estarão presentes investigadores de diferentes Academias. [🔗](#)

Estórias da História do Menino Jesus de Praga

Frei João Costa



Histórias há muitas. Mas esta não é mais uma história, é apenas a continuação das já existentes. É que o Menino não começou num dia e acabou no outro: nasceu, cresceu, morreu e... fim! Não. Ele continua sempre e, cada dia que passa, é uma nova história para contar. Este livro vem dizer-nos precisamente isso: vamos continuar a contar a história do Menino Jesus de Praga e esperamos que, aqueles que nos vierem a suceder, não parem de contar as maravilhas que Ele faz nas nossas vidas, neste mundo tantas vezes adverso: não o foi já há dois mil anos quando O julgaram, condenaram, crucificaram e mataram? Mas Ele não Se deixa intimidar e continua a revelar-Se, a actuar, a abençoar... sim, porque Ele está vivo!

Publicação: Edições Carmelo [🔗](#)

claustrO

Dar o tempo por bem empregue é um grande desafio. Maria Alexandra d'Araújo fala-nos da experiência que teve num workshop quando abordada por uma jovem que lhe revelou a dificuldade que tem em gerir o tempo livre». [🔗](#)

In memoriam de Maria João Sande Lemos. Cidália Vargas e Margarida Pereira-Müller juntaram-se para escrever sobre Maria João Sande Lemos, uma figura ímpar dedicada à igualdade das mulheres dentro e fora da Igreja. Acérrima defensora dos direitos das mulheres e cofundadoras, no nosso país, do Movimento Internacional Católico «Nós Somos Igreja» (NSI). [🔗](#)

Problemas de comunicação. Leia aqui o belo diálogo entre Gilberto e Jorge, pai e filho. Um católico, o outro ateu, ou pelo menos agnóstico. Gilberto preocupa-se, naturalmente, que o filho seja ateu. O Jorge sabe que o pai se preocupa, e isso preocupa-o, mas não vê como poderá fazer alguma coisa acerca disso. Conheça como decorreu a viagem escrita por Rui Guerra. [🔗](#)



Três perguntas e... mais uma

«Este livro é para ser lido pelos que sabem que o final do caminho é o Céu.»

1. Boa tarde, Frei Marco. Fala-me do teu último livro. Porque é que o intitulaste: «Teresa do Menino Jesus: Profetisa do Amor de Deus»?

Sabes que a dinâmica da vida em Deus se revela no AMOR que Ele nos tem. Teresinha revela-nos isso no seu Pequeno Caminho de Amor Misericordioso que Deus que lhe manifestou; e que ela nos manifestou, porque a sua vocação era ser amor na Igreja. Esta vocação é cumprimento das palavras do seu amado Jesus: «É este o meu mandamento: que vos ameis uns aos outros como Eu vos ame». Uma vocação assim só pode ser exigente. Por isso e apesar das nossas fragilidades, medos e fadigas, também nós somos chamados a entrar em relação eterna de amor com Deus e devolvê-lo à humanidade.

Por outro lado, as palavras não conseguem explicar este amor vivido, que se revela em movimentos concretos como a ternura, a esperança e a misericórdia. No meu caso, por sentir, nas relações pessoais e nas realidades que o mundo me dá a conhecer, a carência dos afetos, da misericórdia, de cuidado e de respeito entre a pessoas, escolhi Santa Teresa do Menino Jesus e da Santa Face para partilhar convosco esta «Fonte que mana e corre» que é a espiritualidade de Teresinha ensinando-nos a ser profetas do Amor de Deus.

2. Quem é Santa Teresinha para ti?

Foi quem me ensinou a usar ativamente a minha fidelidade criativa – que é um dom de Deus –, como um instrumento de misericórdia orientado pelas divinas mãos, vivendo a minha fé de modo amoroso e desafiando aqueles que não compreendem esta alegre dádiva quotidiana.



Frei Marco Caldas
Carmo de Viana do Castelo



TERESA DO MENINO JESUS:
Profetisa do Amor de Deus
(Edições Carmelo, 2024. PVP 6,00€)

“ Numa humanidade cheia de ansiedades e de receios, este livro orienta-nos para a confiança e o abandono em Jesus Cristo.

3. Na minha dedicatória, escreveste assim: «Para que Teresinha te ensine a apresentares-te diante de Deus de 'mãos vazias'». Que querias dizer?

Que tudo é de Deus, nada é nosso. O amor com que amamos é-nos dado por Ele. Por outro lado, que com Deus tudo é possível, sem Ele nada é possível. O maior perigo é pensarmos «que somos o maior da nossa rua»!

Por isso, sempre devemos trabalhar para o outro, e não para o eu. Este perigo está sempre presente. É preciso estar-se vigilante e ter presente que nós não temos nada, somos «mãos vazias», Deus é que nos dá TUDO.

e... 4. Quem é que deveria ler este livro?

Entendo que deveriam lê-lo todos que, mesmo seguindo caminhos diferentes do meu, sabem que o «final de ambos será o Céu», para aprenderem que a centralidade do Amor comunica a verdadeira liberdade que conduz à maturidade da identidade cristã.

Numa humanidade cheia de ansiedades e de receios, este livro orienta-nos para a confiança e o abandono em Jesus Cristo, que supera todos os medos. Procuo alertar para o realismo espiritual e evangélico, para sermos, também nós, profetas do Amor de Deus, presente, próximo e libertador.

Este livro procura ensinar que a nossa meta é chegar a fazer a experiência pessoal com Deus Misericórdia e, a partir dessa experiência, iniciarmos um movimento de mudança de vida, procurando encontrarmo-nos na totalidade da Sua pessoa.

Não amordaces a semente

Frei João Costa, OCD



1. Sem ir a banhos, antes palmilhando a beira do lago ocupado na sementeira do Evangelho, Jesus começou a ensinar. Ajuntou-se à sua volta tanta gente à procura da semente da sua palavra, que teve de subir a uma barca, a fim de se dirigir ao gentio cujos pés descalços juncavam de negro toda a praia. E de que haveria Ele de falar-lhes senão do reino de Deus – mas isso, sim, por meio de parábolas? –. Falava-lhes conforme eram capazes de entender, socorrendo-se de palavras que sempre partiam do quotidiano dos que o ouviam, da sua vida e da dureza do seu labutar. E quem eram eles senão o lavrador que, depois de cavar de sol a sol, lança a semente à terra; o pastor que sai em demanda da ovelha perdida; a mulher que varre a casa porque uma das suas moedinhas se perdeu; ou o pescador que se afadiga a lançar as redes e não pesca mais que dois pedaços de algas?

Aquilo era belo de se ver. De se ouvir.

As parábolas de Jesus caíam como chuva mansa no coração dos ouvintes, e eles entendiam-nas, já que lhes falava das suas coisas com palavras da sua eira e do rebanho das suas preocupações, alumando-lhes as situações obscuras, e desvelando-lhes sentidos ocultos!

2. As parábolas evangélicas são estórias do dia a dia que Jesus acendia como faróis de luz em noite escura. Fogueiras que só Ele sabe atear para alumiar uma situação obscura, um problema comum, para desvendar um sentido oculto, abrir um caminho, um futuro, uma esperança. Sim, Ele gostava de contar estórias, digo, parábolas, como as que neste XII domingo comum nos repropõe em Marcos 4:26-34. São duas estórias pequeninas, pequeninas, sim, mas nem por isso menos desafiadoras ou de menor luz.

3. Mas, e se escutássemos a bem escutar o luminoso raio de luz que Jesus hoje nos acende nestas duas parábolas? Surpreende tanto o que ali se diz que, se bem ouvido e acolhido, temo bem, correríamos o risco de virar as costas à luz! Ou amordaçar a semente!

Já me explicarei...

Sabemos bem que, na Sua pregação, o que mais Lhe interessava era falar como quem entreabre os dedos da mão para espalhar, profusamente, o Reino de Deus por sobre a terra negra, ávida e fresca. Mas, e o que é o Reino de Deus? É Jesus-Ele-mesmo no meio de nós, terra negra e faminta. É Ele-mesmo pujante de vida e de esperança; Ele-mesmo, sereno e calmo, por entre as outras plantas da horta que também somos nós. Ele-mesmo, qual alegria em flor despontando por entre as durezas da vida, quando ainda a primavera nem o inverno venceu. É Deus reinando, sem jamais esmagar alguém; reinando como quem ampara a pão bendito a vida das pessoas, das famílias, das comunidades e sociedades pobres. É Deus com mãos e olhar de mãe embalando o sono de um bebé de peito; animando outro que, à mesa, sarrabisca no caderno diário os deveres da escola; e com o olhar impele os sonhos robustos e afoitos dos mais velhos. O reino de Deus é Deus bênção. Deus bendizendo. Deus dizendo bem de nós. É Deus palavra mansa. É bálsamo que acalma. É Deus acolhendo. Deus perdando. Deus misericordiano. É Deus-beijo, Deus-abraço. É Deus andarilhando na tribo dos pobres rebuscando a esperança. É Deus de mão dada com os justos que imitam a vida e os passos de Jesus, opondo-se à guerra, partindo as espadas, e fazendo o bem e, por praticarem a caridade, merecerem o reino celeste da glória de Deus.

Ontem, nas praias da Galileia, e hoje, pelos caminhos do mundo, por entre os espinhos e os destroços das bombas, e pelas autoestradas da comunicação, a Jesus interessa-Lhe falar-nos disso, sim – do seu reino. Interessa-Lhe dizer-nos, confiar-nos, insistir-nos que está no meio de nós, qual semente escondida na terra, aguardando, pacientemente, as chuvas do outono – e é que Jesus estava, e está, no meio de nós! –; que os seus propósitos florescerão nos lábios que beijam meninos, que acariciam doentes e acamados; nas mãos que afagam corpos doridos, tratam feridas, mermam dores, dão pão aos peregrinos; ensinam a desenhar, mão na mão, o aeiou; nos ombros que se emprestam aos desconsolados; nas bocas onde aninham pombas que dão bom conselho, que acalmam desavindos, guiam perdidos, serenam tempestades, constroem a paz. Interessa-Lhe confiar-nos que o Seu triunfo será certo, é certo e até já se entrevê, tal como a mimosa florindo, humilde, gentil e humilde, sobre os rigores da rijeza do frio inverno.

Entrementes isto, a história dos impérios do mundo avança sobre os escombros de outros impérios, sobre nações espezinhas e espoliadas, sobre as tenras vidas dos inocentes. Porém, as luzes pequeninas que a boca de Jesus acende jamais são denegadas, jamais postergadas, jamais vencidas: com Ele sempre o pequenino, sempre o esquecido no seio da terra, floresce mimoso, inverno em pós inverno. E pela indomável força que só a semente pequena preserva e tem, sempre ela vence, sempre rompe e rasga a carapaça do duro gelo, da neve fria e o impetuoso granizo, para nos sorrir, vitoriosa!

Jesus sabia disso, sabia, e sabia bem, e outros como Ele e São João da Cruz sabem-no e bem no-lo disseram que é durante a brumosa escuridão da noite que se fabricam, e para nós e para o mundo, se abre o pequenino alforge dos milagres da vida do dia a dia: «*Em uma noite escura / de amor em vivas ânsias inflamada, / oh! Ditosa ventura! / Saí sem ser notada, / 'stando já minha casa sossegada*».

4. Loas, pois, ao humilde e ao pequenino – no segredo da pequenez é que Jesus entrevê o grande, vê o triunfo.

De que nos fala, neste domingo, pois, Jesus?

Diz-nos que o reinado de Deus é como o homem que semeia: logo depois se deita à noite, e de manhã se levanta e, entretanto, a semente germina e cresce, sem que ele saiba bem como – porque, que o homem durma é tudo quanto é preciso para que a semente para fure a terra até ver a luz!

Fala-nos Jesus que o reinado de Deus é como a semente da pequena mostarda: quando semeada, é a menor das sementes; mas depois que a terra se abre, a acolhe e cobre, logo ela cresce e se torna hortaliça e tempero que enche e dá sabor ao prato sobre a mesa!

5. É óbvio que as palavras de Jesus nos têm de surpreender: o seu reino, reino eterno, reino de justiça e de bem-a-

venturança, tem a indomável força das sementes! Das pequeninas e gentis sementinhas. Das pequeninas... sim, dessas mesmo!

Centremo-nos, pois, nas sementes. Pequeninas.

Demoradamente as contemplemos. Se possível, tomemos uma em nossas mãos. E que vemos? Vemos quase nada; que a mão é imensa como o mapa-mundi e que a sementinha bem diminuta é. Porém, se a mão em vez de se fechar, se abrir, e a deixar cair, se o lavrador em vez de a salvar guardar em seu celeiro, se a lançar à intempérie, tirará dali alimento para si, sua família e animais!

Toda a semente tem a força duma explosão: em explodindo, traz vida, devolve vida, alimento, calor, alegria, ânimo, força, e inclusive poiso com passarinhos!

Sim, eu creio na força indomável das sementes, na força das gentes pequeninas! Já não creio em programas transnacionais, nem em gente com medo. Eu creio na força da simplicidade das pessoas humildes que frequentam os sacramentos todos os dias, pela manhã, e que à tarde levam chá, mimo e boas palavras a acamados. É muito? Não, não é, é Evangelho caminhando discreto e desapercibido pelas ruas da cidade; é Evangelho em movimento, recoberto por um paninho de alvo linho bordado com corações do Minho. Eu creio na beleza fecunda de gente simples, fazendo coisas discretas, em lugares pouco interessantes. Eu creio nesta página do Evangelho em que me revejo e me prefiro situar.

6. Sim, eu creio no ousado gesto libertador do lavrador que semeia. Creio na força de quem perde. No coração que sabe que tudo pode perder, e ainda assim, repetindo a perda, todos os anos restaura os seus celeiros.

Eu creio no sono da semente e no abraço aconchegante da terra. Creio no impoder do lavrador sábio, sabedor de que jamais sabe ou pode fazer germinar uma só semente! Que sabe que, amanhã e depois, comerá do pão saído da semente traçada, triturada e esmagada mas, primeiro, tem de aceitar perdê-la, sem saber ensiná-la a romper da terra para a luz!

Sim, eu creio que o inverno nada pode contra a força de primavera loira que a semente encerra. Nada pode contra o sono que dá vida, alimento e mesa farta. Eu creio no perder que é ganhar.

7. Eu jamais cri em multidões triunfantes, mesmo se entro nelas. Eu jamais cri em tronos. Eu creio na fé dos pequeninos, mesmo se têm chapéus bicudos na cabeça. Creio naqueles que sabem acender uma candeia no escuro e passam contas escuras por entre os dedos. Creio na esperança dos pequeninos sofrendo dores maiores, enquanto esperam e confiam no bálsamo que se achega por frestas pequeninas.

8. Eu creio no vigor do sono da semente, que nos medra e ampara os passos e nos leva ao céu!

”

Já não creio em programas transnacionais, nem em gente com medo.